

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA E ESTATÍSTICA**

Pedro Henrique Pereira Martins

**PROPOSTA DE UM MODELO AUTÔNOMO PARA  
MONITORAMENTO DE AMBIENTES DE  
COMPUTAÇÃO EM NUVEM**

Florianópolis

2016



Pedro Henrique Pereira Martins

**PROPOSTA DE UM MODELO AUTÔNOMO PARA  
MONITORAMENTO DE AMBIENTES DE  
COMPUTAÇÃO EM NUVEM**

Trabalho de conclusão de curso submetida ao Ciências da Computação para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciências da Computação.

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina: Prof. Dr. Carlos Becker Westphall

Coorientador

Universidade Federal de Santa Catarina: Me. Rafael Weingärtner

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do  
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da  
UFSC.

A ficha de identificação é elaborada pelo próprio autor

Maiores informações em:  
<http://portalbu.ufsc.br/ficha>

Pedro Henrique Pereira Martins

**PROPOSTA DE UM MODELO AUTÔNOMO PARA  
MONITORAMENTO DE AMBIENTES DE  
COMPUTAÇÃO EM NUVEM**

Esta Trabalho de conclusão de curso foi julgada aprovada para a obtenção do Título de “Bacharel em Ciências da Computação”, e aprovada em sua forma final pelo Ciências da Computação.

Florianópolis, 22 de julho 2016.

---

Prof. Dr. Carlos Becker Westphall  
Coordenador  
Universidade Federal de Santa Catarina

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Carlos Becker Westphall  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Me. Rafael Weingärtner  
Coorientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Dra. Carla Merkle Westphall  
Universidade Federal de Santa Catarina

## RESUMO

Atualmente as ferramentas de orquestração de ambientes de computação em nuvem como Apache CloudStack, OpenStack e outras não possuem um módulo nativo de monitoramento do ambiente. Para monitorar o ambiente de computação em nuvem, são utilizadas normalmente extensões destas ferramentas ou outras aplicações como Nagios, Zenoss e outras que satisfazem parcialmente a necessidade de monitoramento. Contudo, estas ferramentas são incompletas ou possuem outros problemas como dados incorretos, violam as máquinas virtuais dos usuários (injetando scripts ou aplicações nas máquinas virtuais) além de possuírem um deficit de autonomia. Logo, os administradores do ambiente, precisam ficar monitorando constantemente o ambiente para conseguir configurar a ferramenta de monitoramento para se adequar ao ambiente monitorado. Esta proposta consiste em especificar e implementar uma plataforma autônoma para monitorar a infraestrutura de ambientes de computação em nuvem. Palavras-chave:

**Palavras-chave:** Computação em nuvem. Monitoramento autônomo. Apache CloudStack. Plataforma de monitoramento.





## ABSTRACT

Cloud computing orchestration tools such as Apache CloudStack, OpenStack and others do not have a comprehensive native monitoring module. To monitor the cloud environment we normally use plugins or applications such as Nagios, Zenoss, and others that satisfy partially the monitoring needs. However, they are incomplete or have problems such as accuracy, intrusiveness (injecting scripts or applications in the users virtual machine), and a lack of autonomy. Therefore system administrators have to constantly monitor and configure all of the applications/plugins parameters to best fit the environment. The goal of this proposal is the specification and development of an autonomous monitoring platform for cloud computing infrastructure.

**Keywords:** Cloud computing. Autonomous monitoring. Apache CloudStack. Monitoring Platform.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Ferramenta de orquestração estendida com a plataforma autônoma de monitoramento .....	42
Figura 2 Ambiente de computação em nuvem com a plataforma de monitoramento.....	43
Figura 3 Componente de monitoramento.....	43
Figura 4 Exemplo de JSON gerado através de dados coletados relativos ao uso de cpu. ....	44
Figura 5 Exemplo de JSON gerado através de dados coletados relativos ao uso de memória. ....	44
Figura 6 Exemplo de um serviço de captura de dados.....	46
Figura 7 Componente de armazenamento de dados.....	47
Figura 8 Modelo do banco de dados.....	48
Figura 9 Componente de configuração dos serviços de monitoramento.....	49
Figura 10 Fluxo de captura dos dados.....	58
Figura 11 Fluxo de configuração da frequência de captura dos serviços do componente de monitoramento .....	59
Figura 12 Fluxo de distribuição de servidores para serviços de captura de dados .....	60



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Comparação entre virtualizadores analisados .....	28
Tabela 2	Comparação entre ferramentas de orquestração analisadas.....	29
Tabela 3	Características suportadas pelas ferramentas analisadas	35
Tabela 4	Comparação dos Trabalhos relacionados .....	39



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS





## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	17
1.1	MOTIVAÇÃO	20
1.2	OBJETIVOS	20
1.2.1	Objetivos gerais	21
1.2.2	Objetivos específicos	21
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO</b>	23
2.1	COMPUTAÇÃO EM NUVEM	23
2.1.1	Características	23
2.1.2	Modelos de serviço	24
2.2	VIRTUALIZAÇÃO	24
2.2.1	Vantagens e desvantagens da virtualização	25
2.2.2	Tipos de virtualização	25
2.2.3	Virtualizadores	27
2.3	ORQUESTRAÇÃO DE AMBIENTES DE COMPUTAÇÃO EM NUVEM	28
2.3.1	Ferramentas de orquestração	29
2.4	MONITORAMENTO DE AMBIENTES DE COMPUTAÇÃO EM NUVEM	30
2.4.1	Características de ferramentas de monitoramento na nuvem	30
2.4.2	Ferramentas de monitoramento	33
<b>3</b>	<b>TRABALHOS RELACIONADOS</b>	37
<b>4</b>	<b>PROPOSTA</b>	41
4.1	ARQUITETURA DA PLATAFORMA DE MONITORAMENTO	41
4.2	COMPONENTES DA PLATAFORMA DE MONITORAMENTO	42
4.2.1	Componente de Monitoramento	42
4.2.1.1	Serviço de captura de dados	45
4.2.2	Componente de armazenamento	46
4.2.3	Componente de Configuração	47
4.3	FLUXOS DE EXECUÇÃO	58
	REFERÊNCIAS	61



## 1 INTRODUÇÃO

Computação em nuvem vem sendo cada vez mais utilizada devido ao seu modelo permitir um melhor aproveitamento dos recursos de hardware e software, acarretando em redução de custos, melhor eficiência energética, elasticidade, flexibilidade e disponibilidade de recursos por demanda (ARMBRUST et al., 2010) e (SINGH; SOOD; SHARMA, 2011).

Com o aumento da demanda por serviços prestados pela nuvem, há um constante crescimento da infraestrutura de modo a atender a demanda (SINGH; SOOD; SHARMA, 2011) e (WEINGÄRTNER; BRÄSCHER; WESTPHALL, 2015). O crescimento constante dos ambientes da nuvem acaba aumentando a complexidade de sua gerência tornando esta inviável de ser realizada por administradores sem auxílio de ferramentas apropriadas (WEINGÄRTNER; BRÄSCHER; WESTPHALL, 2015), (HALL, 2012) e (URGAONKAR; SHENOY; ROSCOE, 2002). Kephart e Chess (2003) apresentam um modelo de computação autônoma como uma solução para lidar com grandes ambientes computacionais heterogêneos e complexos como ambientes de computação em nuvem.

Kephart e Chess (2003) definem um elemento autônomo constituinte de quatro (4) etapas, monitoramento, análise, planejamento e execução, onde cada etapa depende da anterior. Cada etapa é detalhada a seguir.

- Monitoramento: durante este processo são coletadas informações sobre os recursos alocados e utilizados. Este processo é realizado periodicamente de modo a criar um histórico de alocação e uso de recursos;
- Análise: após ter os dados coletados, são iniciados os processos de análise em busca de tendências de consumo e comportamento das cargas e problemas referentes a carga que competem por recursos no mesmo servidor físico;
- Planejamento: depois de identificar as tendências de comportamento das cargas do ambiente, e possíveis problemas de degradação de serviço, pode-se traçar ações de modo a evitar as degradações de serviço e viabilizar a otimização do ambiente;
- Execução: após ter traçado uma sequência de ações serem tomadas é necessário executar todas as ações que foram previamente

planejadas de modo a buscar atender aos objetivos do sistema de gerenciamento.

Os processos descritos anteriormente são executados constantemente, de modo que seja possível para o sistema de gerenciamento identificar o contexto em que se encontra e adaptar-se ao ambiente a ser gerenciado de modo a atender aos objetivos gerenciais.

Uma das necessidades para se efetuar o monitoramento do uso de recursos de ambientes de nuvem se dá para fins comerciais, como cobrança relativa a serviços prestados. O valor a ser cobrado pode ser acordado entre o usuário e o fornecedor de recursos da nuvem ou pode ser pré-definido pelo fornecedor (ACETO et al., 2012). Além disso, o monitoramento também pode ser usado para viabilizar técnicas de otimização e auxiliar numa melhor gerência dos ambientes de computação em nuvem. Para viabilizar tais otimizações é importante que o monitoramento forneça dados precisos e em tempo hábil sem afetar o funcionamento da nuvem (ACETO et al., 2012) e (VIRATANAPANU et al., 2010).

O monitoramento em tempo real da nuvem é desafiador. Deve-se levar em conta o grande número de serviços e usuários, que torna a nuvem um ambiente com um grande volume de informação para ser coletada e analisada (SHAO et al., 2010) e (CLAYMAN; GALIS; MAMATAS, 2010).

Outro fator que contribui para a complexidade de monitorar os ambientes de nuvem é a heterogeneidade dos seus componentes. Ambientes de nuvem são constituídos de diferentes clusters de servidores, cada um com seus respectivos processadores, memória, placa de rede, periféricos e virtualizadores. Deste modo, é necessário implementar meios para monitorar cada um desses elementos distintos (SHAO et al., 2010). Além disso, os elementos que compõem o ambiente de computação em nuvem, podem estar dispersos geograficamente, o que gera a necessidade de ter um sistema de monitoramento distribuído, com nós recolhendo informações em cada elemento e enviando para um repositório de dados.

O processo de monitoramento pode vir a sobrecarregar os recursos da nuvem se não for devidamente implantado, sendo este um dos principais desafios para o monitoramento dos recursos (SHAO et al., 2010) e (CLAYMAN; GALIS; MAMATAS, 2010). Além disso, após implantado o sistema de monitoramento, qualquer modificação necessária deve ser feita sem a necessidade de desligar ou reiniciar o ambiente (CLAYMAN; GALIS; MAMATAS, 2010).

Problemas resultantes de um monitoramento mal sucedido são:

- A queda de desempenho da nuvem devido a sobrecargas de processamento com monitoramento;
- Ações de gerência mal sucedidas devido a dados inconsistentes advindos do processo de monitoramento;
- Perda de dados e/ou obtenção de dados corrompidos durante o processo de atualização dos componentes de monitoramento.

Atualmente as ferramentas de orquestração de computação em nuvem (levantadas durante o desenvolvimento deste trabalho) em sua maioria não realizam ou realizam mas não armazenam de modo histórico os dados resultantes do monitoramento dos recursos utilizados. O que estas ferramentas costumam adotar é o monitoramento momentâneo do ambiente para indicar aos administradores o estado corrente deste, sem a criação de um histórico de uso dos recursos.

Hoje em dia, existem ferramentas que realizam o monitoramento e podem ser acopladas a ferramentas de orquestração, porém são de difícil instalação e dependentes de APIs (Interface de programação de aplicações) de dos orquestradores que não são completas pois não permitem o monitoramento de uma série de recursos físicos e algumas costumam apresentar dados inconsistentes com o ambiente, além de ser mais uma camada de software para gerenciar.

O Zenoss (ZENOSS, 2015) é um exemplo de ferramenta de monitoramento que apresentam alguns problemas. No caso do Zenoss, e sua extensão para monitoramento do CloudStack (APACHE, 2015b), o CloudStack ZenPack (CLOUDSTACKZENPACK, 2015), existe um problema no monitoramento de uso de memória do servidor físico. A ferramenta faz uma requisição do uso de memória para o Xen (INC., 2015) e projeta o retorno como se fosse o uso total de memória das máquinas virtuais alocadas no servidor. O problema é que esta requisição do Xen, retorna apenas o uso de memória relativo ao *dom0*. Deste modo o Zenoss acaba fornecendo dados de apenas uma máquina virtual específica e não do servidor monitorado como um todo, o que pode levar a decisões inconsistentes no momento de gerenciamento e otimização dos ambientes.

É necessário fazer uso de boas técnicas de manipulação de dados devido ao grande volume de informações que podem ser monitoradas em ambientes de nuvem. A ferramenta de monitoramento necessita ser o menos invasiva possível, ou seja, ser invisível para os usuários de ambientes de computação em nuvem. Além disso, deve-se tratar a precisão das informações capturadas, os dados fornecidos devem condizer com o ambiente monitorado (ACETO et al., 2012). Quanto mais rápida

as informações sobre o estado do ambiente forem disponibilizadas, mais eficientemente se conseguirá administrá-lo.

## 1.1 MOTIVAÇÃO

O monitoramento é de fundamental importância para ambientes de nuvem, pois proporciona um melhor entendimento do estado em que o ambiente se encontra, do estado das aplicações que estão hospedadas, do uso/disponibilidade de recursos físicos do ambiente e também para determinar se os acordos de prestação de serviço estão sendo devidamente cumpridos.

Como apresentado em (ACETO et al., 2013), existe uma carência de autonomia nas ferramentas de monitoramento atuais. Assim, toda vez que novos recursos são inseridos no ambiente, deve-se informar às ferramentas que tais recursos devem ser monitorados, quando o ideal era a ferramenta detectar e passar a monitorar os recursos autonomamente.

Outro ponto sobre as ferramentas atuais, é que a proposta delas em sua maioria, é monitorar desde a parte de aplicação até o nível de infraestrutura. Com isso, as ferramentas de monitoramento acabam se tornando complexas, com uma instalação complicada e consumindo mais recursos do ambiente do que se fossem específicas para apenas um modelo de serviço de nuvem.

Motivado pela carência de ferramentas de monitoramento pouco intrusivas, autônomas, com foco apenas na infraestrutura de ambientes de computação em nuvem, compatível com as ferramentas de orquestração atuais e de fácil instalação. Surgiu o interesse no projeto de uma abordagem que supra a necessidade de monitoramento da infraestrutura da nuvem. Capacitando assim, que ferramentas como CloudStack, possam fornecer todo o suporte para o monitoramento da infraestrutura do ambiente de nuvem sem interferência nos serviços por ela já fornecidos de modo autônomo e sem configurações adicionais.

## 1.2 OBJETIVOS

Este capítulo irá tratar dos objetivos que este trabalho pretende alcançar.

### 1.2.1 Objetivos gerais

Este trabalho busca analisar o tema de monitoramento de ambientes de computação em nuvem e elementos autônomos, para poder então propor um modelo de monitoramento autônomo para ambientes de computação em nuvem que fornecem infraestrutura como serviço.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- Levantar trabalhos relacionados e fazer um estudo sobre monitoramento de ambientes de computação em nuvem;
- Definir um modelo para realização de monitoramento autônomo de um ambiente de nuvem que forneça infraestrutura como serviço;
- Criar um *framework* a partir do modelo definido para viabilizar a implantação em ferramentas de orquestração de nuvem;
- Verificar o impacto que o *framework* pode causar no ambiente de nuvem monitorado.





## 2 FUNDAMENTAÇÃO

Neste capítulo são apresentados os conceitos e tecnologias utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho.

### 2.1 COMPUTAÇÃO EM NUVEM

A computação em nuvem é um modelo ubíquo, conveniente e de acesso compartilhado a recursos computacionais como servidores, armazenamento, aplicações e redes (MELL; GRANCE, 2011). Estes recursos compartilhados podem ser rapidamente provisionados e liberados com um esforço mínimo de gestão ou interação com o provedor de serviços (MELL; GRANCE, 2011).

#### 2.1.1 Características

Em (MELL; GRANCE, 2011) são definidas como características básicas de um ambiente de computação em nuvem:

1. Acesso aos recursos sob demanda - o usuário pode escolher quais serviços/componentes ele irá usar dentro do que é disponibilizado pela nuvem sem a necessidade de interação com administradores;
2. Disponibilidade - ambientes de computação em nuvem devem estar sempre disponíveis para o usuário pela internet independente da plataforma de acesso (*tablet*, *smartphone*, *desktop* e outros);
3. Recursos compartilhados - os recursos físicos da nuvem devem poder atender diferentes usuários simultaneamente;
4. Elasticidade - conforme um usuário solicita mais recursos, a nuvem deve alocar mais recursos para este usuário evitando a degradação dos serviços prestados, assim como se um usuário deixar de usar recursos, a nuvem pode remover recursos excedentes;
5. Monitoramento de serviços - a nuvem deve ser capaz de monitorar o uso de recursos por cada serviço, proporcionando transparência aos fornecedores e usuários do serviço.

### 2.1.2 Modelos de serviço

Mell e Grance (2011) descrevem os modelos de serviço disponibilizados pela nuvem como sendo:

1. Software como serviço: o provedor de nuvem fornece uma aplicação final via rede para usuários. O usuário não tem controle algum sobre a infraestrutura que hospeda a aplicação ou da plataforma que a aplicação usa, ele apenas consegue usar a aplicação;
2. Plataforma como serviço: são disponibilizadas diferentes plataformas para o usuário desenvolver e hospedar suas próprias aplicações. Neste nível o usuário tem controle total das aplicações, e pode configurar por completo a plataforma. O usuário não possui acesso a recursos do sistema operacional que hospeda a plataforma;
3. Infraestrutura como serviço: a nuvem fornece toda a infraestrutura para o usuário, como processador, disco, memória e rede. Neste nível o usuário tem uma máquina virtual pronta para uso, ele define quais plataformas ele irá usar e quais aplicações ele irá executar em cada plataforma, porém o usuário não tem acesso e controle dos componentes físicos do ambiente.

Cada modelo de nuvem descrito acima visa um público diferente com diferentes propósitos, o software como serviço visa mais usuários de aplicações. O modelo de plataforma como serviço procura atender os desenvolvedores que usarão as plataformas para hospedar suas aplicações. Em contra partida, o modelo de fornecimento de infraestrutura como serviço tem como foco empresas que desenvolvem serviços e os hospedam na infraestrutura de ambientes de computação em nuvem para minimizar seus custos com infraestrutura. Este trabalho tem como foco ambientes de nuvem computacional que atuam fornecendo infraestrutura como serviço.

## 2.2 VIRTUALIZAÇÃO

A virtualização é um processo que foi primeiramente desenvolvido pela IBM com intuito de particionar um *mainframe* com alta capacidade computacional (SAHOO; MOHAPATRA; LATH, 2010).

O processo de virtualização consiste na existência de um virtualizador que gerencia sistemas operacionais convidados e intermedeia toda a comunicação entre hardware e esses sistemas (MENASCÉ, 2005). Sistemas operacionais convidados são executados sobre o virtualizador como se fossem aplicações em um sistema operacional qualquer. Portanto os sistemas operacionais convidados, não possuem acesso direto aos dispositivos físicos.

O uso da virtualização possibilita que os mesmos componentes de hardware suportem diferentes sistemas operacionais como sendo diversas unidades lógicas. Estas unidades lógicas em que o hardware é dividido são nomeadas de *Virtual Machine* (VM), em português, máquina virtual. Os sistemas operacionais e aplicações dentro das máquinas virtuais enxergam esses ambientes como reais. Ao final do processo de virtualização, para o usuário final, ter uma máquina virtual ou uma máquina física não irá mudar sua experiência de uso do computador (SAHOO; MOHAPATRA; LATH, 2010).

### 2.2.1 Vantagens e desvantagens da virtualização

A virtualização permite um melhor aproveitamento dos recursos de hardware disponíveis. Permite a alteração de peças de hardware sem a necessidade de parar o funcionamento das VMs por longos períodos, bastando migrar a VM para outro servidor físico. O custo alugar uma máquina virtual em um servidor de computação em nuvem é menor que manter uma máquina física equivalente. (SAHOO; MOHAPATRA; LATH, 2010).

Como problemas temos uma sobrecarga de processamento para gerenciar a inúmera quantidade de máquinas virtuais. O desenvolvimento de virtualizadores não é algo simples e é de grande importância ter redundância de hardwares pois se ocorrer defeito em um componente, todas as VMs vinculadas a tal componente serão penalizadas (POPEK; GOLDBERG, 1974) .

### 2.2.2 Tipos de virtualização

Nesta seção, serão discutidos os tipos de virtualizações segundo (BEN et al., 2010), e suas principais características.

- Virtualização por contêiner: este tipo de virtualização precisa de um sistema operacional base. Neste caso, o virtualizador irá criar

instâncias virtuais do sistema operacional base, isoladas logicamente. Estas instâncias são nada mais que ponteiros para os endereços físicos das rotinas do sistema operacional base. Isto gera um problema que não existe nos outros tipos de virtualização, que é o fato de todas as aplicações das instâncias dividirem os mesmos endereços físicos para suas chamadas de sistema, com isso, se o sistema operacional base for suscetível a algum ataque, uma aplicação maliciosa pode danificar o sistema operacional base, e com isso, prejudicar todas as outras instâncias virtuais desse sistema. Esse tipo de virtualização consome menos memória que as demais, pois usa apenas uma instância física de sistema operacional. Neste tipo de virtualização, os clientes estão presos a criarem VMs exclusivamente do mesmo tipo do sistema operacional base;

- Virtualização do tipo 1: este tipo de virtualização executa diretamente sobre o hardware, neste caso o virtualizador irá gerar abstrações de hardware completas para poder hospedar um sistema operacional qualquer. Isto cria um consumo extra de memória, pois cada instância irá ter seu próprio sistema operacional em memória. Este tipo de virtualização, possui a melhor performance de uso do processador dentre os tipos aqui apresentados. Neste tipo de virtualização, os clientes podem escolher seus próprios sistemas operacionais para serem instaladas nas VMs;
- Virtualização do tipo 2: esta virtualização assim como a virtualização por contêiner, precisa de um sistema operacional como base. Porém nesse caso, o virtualizador irá emular um hardware que será usado pelas instâncias virtuais criadas. Isso possibilita que as instâncias tenham seus próprios sistemas operacionais independentemente de qual é o sistema operacional base. O virtualizador não tem acesso direto ao hardware, podendo assim ser um virtualizador mais simples que da virtualização do tipo 1, já que é o sistema operacional base que irá tratar da comunicação com o mesmo. Esse tipo de virtualização é um meio termo entre a virtualização do tipo 1 e por contêiner.

Cada tipo de virtualização possui vantagens e desvantagens. O tipo 1, é o mais complexo entre os tipos de virtualização e o com menor penalidade de processamento. O tipo 2 usa um sistema operacional nativo como base para o funcionamento do virtualizador, o que remove parte da complexidade do virtualizador, porém acaba prejudicando o desempenho devido a camada de software extra. A virtualização por

contêiner é o tipo com menor uso de memória, porém ela amarra os usuários ao sistema operacional base onde é executado o virtualizador.

### 2.2.3 Virtualizadores

O virtualizador é responsável pela gerência dos recursos de hardware e fornecimento desses recursos para as máquinas virtuais. O responsável de fato pela gerência, criação e destruição das máquinas virtuais, é o *Virtual Machine Monitor* (VMM), em português, monitor de máquina virtual (VMWARE, 2007). Portanto, toda vez que uma VM é criada, antes, é criado um VMM, e este passa a gerenciar a VM, e destruí-la quando necessário. Logo, existe um VMM para cada VM.

O Xen (INC., 2015) é um virtualizador do tipo 1 de código aberto disponibilizado pela Citrix (SYSTEMS, 2015a), que dá suporte as arquiteturas x86 (MAZEGEN, 2007), x86 64 (CORPORATION, 2015b), IA32 (CORPORATION, 2015a), IA64 (DOSHI, 2015) e PowerPC (IBM, 2015). As VMs instanciadas com esse virtualizador, são denominadas de domínio sem privilégios (DomU) (SYSTEMS, 2015c), além disso, existe uma VM que cuida de todo o fluxo de entrada e saída de dados dos DomU, que é denominada de domínio de controle (Dom0) (SYSTEMS, 2015b). Além de intermediar o acesso a entrada e saída de dados dos DomU, o Dom0 também fornece uma série de comandos para destruir, criar ou modificar cada DomU. Esses comandos de gerência disponibilizados no Dom0, são nativos da biblioteca XL (SYSTEMS, 2015e), porém, são de difícil usabilidade. O Xapi (SYSTEMS, 2015d), é uma abstração para esses comandos que torna mais simples o uso dos recursos de criação de VMs, clusters e migração de VMs entre servidores de um mesmo cluster.

O KVM (LINUX-KVM, 2015) assim como o Xen, é um virtualizador do tipo 1 de código aberto. Suportado pela Red Hat (REDHAT, 2015), o KVM é uma extensão do kernel do linux que permite a criação e gerência de VMs. O KVM usa o QEMU (QEMU, 2015) para emular o hardware que as VMs instanciadas irão usar. Um dos diferenciais do KVM é o fato dele não se preocupar com a gestão de diferentes servidores presentes em cluster, não tendo assim, qualquer custo de processamento para gerência dos servidores em um cluster. Usar esta abordagem no controle dos clusters, torna o KVM dependente de uma ferramenta de orquestração que dê suporte a gerência de servidores dentro de um cluster.

O ESXi (VMWARE, 2015a) é um virtualizador de código fechado e

licença gratuita que foi desenvolvido pela VMware (VMWARE, 2015c). Tem suporte apenas para arquiteturas x86 de 32 e 64 bits. É um virtualizador do tipo 1. Este virtualizador é usado no vSphere que é uma ferramenta de criação de ambientes de nuvem criada pela VMware. O ESXi só permite a migração de VMs para diferentes servidores em sua versão comercial.

O LXC (CONTAINERS., 2015) é um virtualizador por contêiner gratuito de código aberto suportado pela Canonical (CANONICAL, 2015). O LXC da suporte para criação de instâncias de distribuições linux, logo este virtualizador suporta todas as arquiteturas suportadas pelo linux. Instâncias criadas pelo LXC não possuem privilégios de root. O LXC está no repositório de software de distribuições linux, a instalação dele é bem simples.

VirtualBox (ORACLE., 2015) é um virtualizador de código aberto do tipo 2 mantido pela Oracle (INC., 2015). Este virtualizador pode ser instalado em distribuições Windows, Linux, Macintosh, Solaris e da suporte para instâncias de Windows (NT 4.0, 2000, XP, Server 2003, Vista, Windows 7, Windows 8), DOS/Windows 3.x, Linux (2.4, 2.6 e 3.x), Solaris e OpenSolaris, OS/2, e OpenBSD.

Tabela 1 – Comparação entre virtualizadores analisados

	Empresa Responsável	Arquiteturas Suportadas	Tipo de virtualização	Tipo de Licença
Xen	Citrix Systems	x86, x86-64, IA 64, PowerPC	1	Código aberto
KVM	Red Hat	x86, x86-64, IA 64, PowerPC	1	Código aberto
ESXi	VMware	x86, x86-64	1	Gratuita/Comercial
LXC	Canonical	x86, x86-64, IA 64, PowerPC	Contêiner	Código aberto
VirtualBox	Oracle	x86, x86-64, IA 64	2	Código aberto

Dentre os virtualizadores analisados, será utilizado neste trabalho o Xen devido a ser um virtualizador de código aberto e suportado por uma comunidade amplamente ativa. O fato do Xen ter seu código aberto, possibilita que toda uma comunidade interaja e possa contribuir com melhorias tanto na documentação quanto em correções de *bugs* e evolução de suas funcionalidades.

## 2.3 ORQUESTRAÇÃO DE AMBIENTES DE COMPUTAÇÃO EM NUVEM

As ferramentas de orquestração na nuvem servem para abstrair do administrador toda a parte de interação com os virtualizadores, serviços de armazenamento, dispositivos de redes e outros. Permitindo que o administrador não precise de amplos conhecimentos nas tecnolo-

gias de virtualização, rede, armazenamento e outras utilizadas para se criar o ambiente de nuvem.

Essas abstrações proporcionadas pelas ferramentas de orquestração tornam possível que o administrador da nuvem possa delimitar recursos físicos para cada usuário facilmente. Assim como também possibilita que usuários sem conhecimento nenhum de computação possam criar suas próprias máquinas virtuais.

### 2.3.1 Ferramentas de orquestração

Seguindo a análise realizada no trabalho (BRÄSCHER, 2015), foram analisadas as seguintes ferramentas de orquestração para uso no decorrer deste trabalho.

- CloudStack: o cloudStack (APACHE, 2015b) é uma ferramenta de orquestração de código aberto, suportada pela fundação Apache (APACHE, 2015a) e desenvolvida em java. O cloudStack dá suporte para virtualizadores como KVM, VM-ware, Xen e Hyper-V (MICROSOFT, 2015a). Esta ferramenta dá suporte aos sistemas de arquivos iSCSI (MICROSOFT, 2015b) e NFS (MICROSOFT, 2013);
- Eucalyptus: o Eucalyptus (HP, 2015a), assim como o CloudStack, é uma ferramenta de orquestração de ambientes de computação em nuvem de código aberto. Suportada pela HP (HP, 2015b) e desenvolvida em java e C. O Eucalyptus, usa o Walrus como sistema de arquivo e dá suporte aos virtualizadores KVM, XenServer e VMware;
- OpenStack: O OpenStack (OPENSTACK, 2015), dá suporte aos mesmos virtualizadores que o CloudStack, é uma ferramenta de código aberto desenvolvida em Python. Suporta os sistemas de arquivo Swift e Cinder.

Tabela 2 – Comparação entre ferramentas de orquestração analisadas

	Linguagem Suportada	Sistema de Arquivos	Tipo de Licença
CloudStack	Java	iSCSI, NFS	Código aberto
OpenStack	Python	Swift, Cinder	Código aberto
Eucalyptus	Java, C	Walrus	Código aberto

Dentre essas ferramentas de orquestração em nuvem, foi optado o uso do CloudStack devida a uma série de motivos, tais como:

- Suportado por uma fundação e uma comunidade amplamente ativa;
- Possui uma documentação detalhada;
- É codificada em java que é uma linguagem de programação bem conhecida para futuras extensões;
- Da suporte para sistemas de arquivos conhecidos, o que diminui o tempo que seria gasto com familiarizações com novos conceitos;
- É uma ferramenta de código aberto, o que possibilita um melhor conhecimento da ferramenta e implantação de melhorias.

## 2.4 MONITORAMENTO DE AMBIENTES DE COMPUTAÇÃO EM NUVEM

Nesta seção, serão abordadas as dificuldades relacionadas ao monitoramento na nuvem, sua importância, as características que o monitoramento deve possuir e algumas ferramentas que realizam monitoramento de ambientes de computação em nuvem.

### 2.4.1 Características de ferramentas de monitoramento na nuvem

Segundo Aceto et al. (2012) existem 11 características que uma ferramenta de monitoramento na nuvem deve possuir para ter um funcionamento correto e sem degradar os serviços fornecidos:

1. Escalabilidade: a ferramenta pode ser considerada escalável se ela consegue suportar uma larga quantidade de objetos a serem monitorados (CLAYMAN; GALIS; MAMATAS, 2010). Na nuvem, tal característica tem importância devida a grande gama de componentes que podem existir;
2. Elasticidade: para uma ferramenta ser considerada elástica, ela deve conseguir suportar mudanças ocorridas no ambiente monitorado, tais como novos objetos para serem monitorados ou objetos deixando de ser monitorados (CLAYMAN; GALIS; MAMATAS, 2010). Isto é de fundamental importância para ambientes de nuvem, pois o ambiente vive em contínua mudança com a adição e remoção de recursos dinamicamente;



3. Adaptabilidade: uma ferramenta de monitoramento é adaptável, se ela consegue se ajustar a mudanças de cargas impostas ao ambiente sem que este seja penalizado e mantendo o seu serviço de monitoramento ativo e funcionando corretamente (CLAYMAN; GALIS; MAMATAS, 2010). Para realizar o monitoramento do ambiente, a ferramenta consome recursos de rede, armazenamento e processamento. A ferramenta deve se ajustar para consumir menos recursos em ocasiões que o ambiente se encontra sobrecarregado;
4. Pontualidade: a ferramenta pode ser considerada pontual, se ela é capaz de relatar eventos que acontecem no ambiente, como perda repentina de um recurso, ou sobrecarga de outro, em tempo hábil para estes serem tratados (WANG et al., 2011);
5. Autonomia: para a ferramenta ser considerada autônoma, ela deve ser capaz de se gerenciar, conseguindo responder a mudanças repentinas do ambiente sem a necessidade de uma outra entidade a supervisionando. Ao mesmo tempo em que torna a complexidade do seu funcionamento discreta para usuários e gerentes do ambiente;
6. Abrangente: uma ferramenta de monitoramento é abrangente, se ela consegue monitorar diferentes tipos de recursos e capturar diferentes métricas destes recursos (HASSELMAYER; D'HEUREUSE, 2010). Isto é importante, já que ambientes de nuvem costumam ser heterogêneos;
7. Extensividade: a ferramenta pode ser considerada extensível, se ela suporta a adição de novas métricas para monitorar, sem a necessidade de modificações no código fonte da ferramenta.
8. Não intrusiva: para a ferramenta não ser considerada intrusiva, ela deve poder ser implantada no ambiente sem precisar de modificações significativas deste (KATSAROS; KUBERT; GALLIZO, 2011);
9. Confiabilidade: uma ferramenta de monitoramento é dita confiável, se mesmo com falhas em diversos componentes, ela ainda continua fornecendo seu serviço normalmente com os componentes que ainda lhe restam (LAPRIE, 2008);
10. Disponibilidade: a ferramenta de monitoramento deve estar disponível sempre que os seus serviços forem solicitados. Isto é importante para ambientes da nuvem, pois estes estão em constante atividade (SHIREY, 2007);

11. Precisão: a ferramenta é considerada precisa se as informações disponibilizadas pela ferramenta contem valores que expressem o mais aproximadamente possível o estado em que o objeto monitorado se encontra no momento que a medida foi realizada.

Além das características levantadas por (ACETO et al., 2012), também são apontadas algumas dificuldades na área de monitoramento da nuvem.

- Grande volume de informação: a nuvem possui diversos usuários, assim como componentes e um grande tráfego de rede. Com isso, algumas horas de monitoramento contínuo, podem gerar Tera Bytes de informações para serem armazenadas;
- Mudança constante do ambiente: devida a elasticidade de um ambiente de computação em nuvem, as métricas a serem monitoradas podem mudar a qualquer momento, pode haver a necessidade de monitorar um novo elemento que não estava previsto;
- Sensibilidade de ambientes carregados: em ambientes de computação em nuvem muito carregados, a presença do monitoramento pode acarretar em sobre carga de processamento, e acabar comprometendo o funcionamento de todo o ambiente;
- Garantir autonomia da ferramenta: esta demanda a possível existência de um laço que irá receber informações do ambiente de tempos em tempos (a própria ferramenta que deve obter essas informações), processar essas informações e repassar as ações que cada nodo deve executar (no caso de uma ferramenta distribuída). Deve-se realizar este processo tentando gerar o menor impacto possível no ambiente;
- Heterogeneidade do ambiente: ambiente de computação em nuvem possui inúmeros dispositivos com diferentes arquiteturas e tecnologias. Deve-se conseguir prover suporte de monitoramento para cada um desses dispositivos e ainda manter um bom isolamento entre eles;
- Rastreamento de elementos da nuvem: o ambiente de nuvem permite que seus recursos sejam migrados de um dispositivo físico para outro. Deve-se garantir que a ferramenta consiga detectar a nova localização de um recurso migrado e continuar monitorando este recurso em sua nova localização, em vez de apenas acusar uma falta do recurso em um local e a detecção de um novo recurso em outro.

O monitoramento na nuvem é de grande importância tanto para os clientes quanto para os fornecedores de serviços na nuvem. O monitoramento é um meio para se garantir um melhor controle dos dispositivos de hardware e das aplicações que são executadas nos ambientes de nuvem (ACETO et al., 2012).

O constante monitoramento do ambiente, auxilia na garantia da qualidade do serviço prestado para os usuários do ambiente, como por exemplo: disponibilidade e tempo de resposta das aplicações hospedadas. Para os fornecedores de serviços, o monitoramento é um modo de mensurar os recursos utilizados pelo usuário e então poder ser cobrada uma taxa referente ao uso dos mesmos (ACETO et al., 2012). Para ambos os casos, o monitoramento auxilia na prevenção e até mesmo correção de desvios no termo de prestação de serviços acordado por usuário e provedor (ACETO et al., 2012).

## **2.4.2 Ferramentas de monitoramento**

Nesta seção serão descritas ferramentas de monitoramento de código aberto que são comumente usadas para monitorar ambientes de computação em nuvem.

- Nagios: o Nagios (NAGIOS, 2015) suporta o monitoramento de máquinas virtuais e serviços de armazenamento (CARON et al., 2012). O Nagios é uma ferramenta de código aberto que possui inúmeras extensões. Existem extensões que possibilitam o Nagios monitorar sistemas como Eucalyptus, CloudStack(NAGIOS., 2015a) e OpenStack (NAGIOS., 2015b);
- Zenoss: O Zenoss (ZENOSS, 2015) é uma ferramenta opensource escrita em Java com suporte a diversos virtualizadores, como por exemplo, KVM, XenServer e VMware. Usuários do CloudStack, tem a possibilidade de usar o Zenoss ao instalar a extensão (CLOUDSTACKZENPACK, 2015), usuários de OpenStack podem usar a extensão (OPENSTACKZENPACK, 2015). Estas extensões ficam limitadas pelas funcionalidades disponibilizadas através das APIs das ferramentas de orquestração;
- Nimbus: a Nimbus (PROJECT, 2015) é uma ferramenta de criação e gerência de ambientes de computação em nuvem, Suporta virtualizadores como Xen ou KVM e da suporte para monitoramento do ambiente através do protocolo SNMP(NET-SNMP, 2015). Esta ferramenta é voltada especialmente para projetos relacionados a

comunidade científica. A Nimbus visa autonomia no monitoramento tanto de aplicações do ambiente quanto na infraestrutura como um todo, no caso, ela não suporta monitoramento de clusters, apesar de monitorar aplicações sendo executadas nas VMs.

- Zabbix: o Zabbix (ZABBIX, 2015) é uma ferramenta de monitoramento de infraestrutura e aplicações. Esta ferramenta dá suporte para abordagens multi agente ou sem nenhum agente (centralizado). Esta ferramenta é compatível com vCenter (VMWARE, 2015b) permitindo monitoramento destes ambientes. Além de ser compatível com o vCenter, o Zabbix permite o monitoramento de qualquer dispositivo de hardware que suporte IPMI (INTEL, 2015) e dispositivos que suportem SNMP, conseguindo capturar as mesmas métricas suportadas por ambos os protocolos IPMI e SNMP. Usuários de CloudStack podem usar o Zabbix através a extensão (ZABBIX-CLOUDSTACK, 2015) e usuários de OpenStack através da extensão (ZABBIXAGENTADOPTION, 2015)
- Icinga: o Icinga (ICINGA, 2015) é uma ferramenta que pode ser instalada em qualquer distribuição Linux. Nesta ferramenta, o usuário deve especificar o que deve ser monitorado antes de inicializar a ferramenta, ou seja, qualquer novo item a ser monitorado, irá requerer uma reinicialização da ferramenta. Assim como o Nagios, esta ferramenta promete uma fácil extensibilidade, possibilitando que os usuários criem plugins para expandir o funcionamento da ferramenta, além de suportar todos os plugins desenvolvidos para o Nagios. Esta ferramenta monitora serviços de rede e consumo de recursos de hardware, como CPU e memória. Ela possui uma extensão para usuário do OpenStack (ICINGAOPENSTACKGIT, 2015), usuários de CloudStack não tem suporte ainda para uso do Icinga e acabam adotando o Nagios como substituto já que ambas as ferramentas são similares.

Dentre as ferramentas analisadas, todas suportam monitoramento de recursos de hardware usando protocolos padrões de monitoramento como SNMP e IPMI, além de usar estes protocolos, usam também APIs (Interface de programação de aplicações) de ferramentas de orquestração. Uma característica em comum dessas ferramentas, é a abordagem de coletar os dados e armazená-los de modo histórico. Todas usam o mesmo conceito de ter uma entidade centralizada que de tempos em tempos, envia mensagens para os nodos que estão nos servidores físicos coletarem os dados e enviarem para o nó central.

Tabela 3 – Características suportadas pelas ferramentas analisadas

	Nagios	Zenoss	Nimbus	Zabbix	Icinga
Escalabilidade					
Elasticidade					
Adaptabilidade					
Pontualidade		X		X	
Autonomia			X		
Abrangencia					
Extensividade	X			X	X
Não intrusiva					
Confiabilidade				X	
Disponibilidade					
Precisão					

Como mostrado na tabela 3, as ferramentas analisadas não dão suporte a inúmeras das características abortadas em (ACETO et al., 2012), isso se deve pelo fato de que as ferramentas em si não interagem diretamente com os Virtualizadores dos ambientes de computação em nuvem e sim com APIs das ferramentas de orquestração. Essas APIs por muitas vezes são incompletas e inconsistentes. Outro ponto que as ferramentas adotam é a inserção de agentes dentro das máquinas virtuais para coletar os dados de cada máquina virtual e então juntar esses dados para obter as métricas de todo o ambiente, o que torna a ferramenta intrusiva.

A proposta deste trabalho será de criar uma ferramenta que suporte essas características. A ferramenta irá usar chamadas de sistema dos Virtualizadores para conseguir obter os dados dos ambientes em vez de usar APIs das ferramentas de orquestração. Outra abordagem diferente da ferramenta proposta neste trabalho, será uma inversão do paradigma adotado pelas ferramentas analisadas, que é o fato de um nodo central fazer requisições para os nodos folhas coletarem os dados e retornarem estes para o nodo central. A proposta deste trabalho consiste em os nodos folhas enviarem periodicamente os dados coletados para o nodo central sem o nodo central precisar requisitar, isso gera um menor fluxo de rede e torna a ferramenta menos impactante para o ambiente.



### 3 TRABALHOS RELACIONADOS

Este capítulo aborda sobre modelos de monitoramento de ambientes de computação em nuvem, pontos fortes e fracos de cada modelo, e por fim, uma comparação entre os modelos apresentados e o modelo proposto neste trabalho.

Em (KATSAROS et al., 2012) é proposto um modelo para monitorar todas as camadas (aplicação, plataforma e infraestrutura) de um ambiente de computação em nuvem. O modelo consiste de 6 componentes constituindo a ferramenta de monitoramento como um todo, cada componente é descrito a seguir:

- Framework de serviço de monitoramento: é o principal componente, responsável por orquestrar os outros componentes e disponibilizar os resultados do monitoramento para o usuário;
- Repositório central: responsável por organizar e guardar todos os dados do monitoramento;
- Serviço de monitoramento de infraestrutura: responsável por obter dados do uso de recursos da infraestrutura;
- Serviço de monitoramento de instancia: responsável por obter dados do uso de recursos de cada VM de um servidor através do coletor de dados e guardar no repositório central;
- Repositório local: responsável por armazenar os dados de monitoramento de uma única VM;
- Coletor de dados: coleta os dados de uso de recursos de uma única VM e guarda no repositório local.

Principais características abordadas no modelo de (KATSAROS et al., 2012) é a elasticidade e acurácia, o modelo permite reconfigurar todas as métricas de monitoramento sem a necessidade de reiniciar o sistema ou proporcionar algum impacto de desempenho para o ambiente. Principal problema encontrado, cada instancia de máquina virtual irá gerar uma instancia de coletor de dados e repositório local, o que gera um uso extra de memória, sem falar que é uma solução invasiva, pois insere software dentro da VM do usuário.

Andreozzi et al. (2005) propõem um modelo de monitoramento de serviços distribuídos. O modelo proposto é dividido em 5 módulos independentes para facilitar extensões e manutenção. É apresentado

um módulo de coleta de dados que usa sensores (o tipo de sensor ou como são implementados não é especificado) para medir tráfego de rede, desempenho do serviço monitorado, disponibilidade do mesmo e uso de recursos físicos. O segundo módulo é o responsável por analisar quais dados são mais interessantes para cada tipo de serviço, para tal fim foi usado o Globus MDS (GLOBUS, 2015) para fazer a análise dos dados capturados e classificá-los. O terceiro módulo armazena cada tipo de dados em uma base de dados relacional, no caso o PostgreSQL (POSTGRESQL, 2015). O quarto módulo serve para informar quando algum serviço está sobrecarregado/inacessível. E o último módulo é responsável pela apresentação dos dados através de uma página web.

Este modelo foi feito com intenção de monitorar serviços web e informar aos usuários as condições de cada serviço. O banco de dados para persistência dos dados separa cada tipo de dado em tabelas diferentes para agilizar consultas. O diferencial deste modelo é o fato de conseguir peneirar os dados não relevantes para cada tipo de serviço e não armazenar tal dado, porém ele ainda continua monitorando tal tipo de dado.

O modelo apresentado por (ANDREOZZI et al., 2005) permite adições de novos módulos e métricas de monitoramento, sendo que novos módulos requerem a reinicialização do sistema e novas métricas não precisam de reinicialização. Usa banco de dados relacional para persistir os dados e persiste apenas dados considerados relativos. A visualização dos dados pode ser feita usando um histórico de 1, 5 e 15 minutos, históricos superiores a esses intervalos não são descartados.

Shao et al. (2010) propõem um modelo de monitoramento baseado em agentes que opera em todas as camadas de computação em nuvem e tem como principal característica balancear a capacidade de monitoramento da ferramenta com o aumento ou redução da carga dos servidores, de modo a ajustar a coleta de dados baseado na carga do ambiente. A ferramenta realiza isso medindo a carga do ambiente e ajustando a frequência de obtenção dos dados, ambiente pouco carregado, aumenta a frequência e vice-versa.

Para realizar a coleta de dados de cada VM, são instanciados agentes (Aplicações Java), dentro de cada máquina virtual, ou seja, cada máquina virtual vai ter uma JVM executando um agente para obter os dados da VM. Este agente por sua vez, utiliza uma biblioteca nativa escrita em C (HYPERIC, 2015).

O balanceamento da carga do ambiente com a coleta de dados da ferramenta ocorre de modo manual, usando uma ferramenta do Java 6 *hotswap* que permite trocar uma classe java por uma outra versão dessa



Tabela 4 – Comparação dos Trabalhos relacionados

	(KATSAROS et al., 2012)	(ANDREOZZI et al., 2005)	(SHAO et al., 2010)
Modo de guardar dados	Banco relacional	Banco relacional	Banco relacional
Mantém histórico de dados	Sim	Por no máximo 15 min	Sim
Filtro de métricas	Não	Sim	Não
Área de atuação	IaaS, PaaS e SaaS	Serviços distribuídos	IaaS, PaaS e SaaS
Modo de obtenção dos dados	Script injetado nas VMs	Sensores	Aplicação Java injetada nas VMs
Permite ajustar intervalo de exibição dos dados	Não	Sim	Não

mesma classe em tempo de execução, assim se torna possível alterar os agentes em tempo de execução de forma a possibilitar um melhor controle de consumo de recursos pela ferramenta. A persistência dos dados ocorre num banco de dados relacional onde não são separados tipos de dados como no trabalho anterior.

Dentre os trabalhos analisados, todos optam por uma abordagem de banco de dados relacional para a persistência dos dados coletados, talvez uma abordagem não relacional seja mais adequada para esse tipo de problema pois bancos não relacionais tendem a se tornar mais rápidos que relacionais quando o volume de dados se torna grande. Uma diferença desses trabalhos em relação as ferramentas mostradas, é o fato que eles propõem um modelo em que os dados coletados por cada nodo são enviados para um repositório periodicamente em vez de uma entidade central solicitar que tais nodos enviem os dados, como é feito nas ferramentas analisadas. Além disso, um problema encontrado nos modelos propostos é o fato de como eles obtêm os dados das

máquinas virtuais. Usando métodos invasivos de inserção de scripts ou aplicações dentro das máquinas virtuais dos usuários, além desses métodos serem invasivos, eles são pouco práticos, pois acabam ficando presos ao sistema operacional que o usuário escolher, um script para obter dados num Unix por exemplo, vai ser diferente do script de um Windows.

Além disso, como mostrado na Tabela 4 todas as propostas tendem a manter um histórico dos dados armazenados, porém não disponibilizam um meio de configurar por quanto tempo o usuário gostaria que os dados fossem armazenados. Outra coisa apontada na Tabela 4 é o uso de um filtro de métricas pela proposta de (ANDREOZZI et al., 2005) que permite otimizar a coleta de dados do ambiente sem deixar de capturar a essência do comportamento do mesmo.

## 4 PROPOSTA

Conforme apresentado por Aceto et al. em (ACETO et al., 2012) o cenário de ferramentas de monitoramento para ambientes de computação em nuvem não atende as necessidades de gerência, seja por falta de precisão nos resultados do monitoramento, falta de extensibilidade da aplicação ou o fato de injetarem código nas máquinas virtuais dos usuários. A proposta deste trabalho consiste na criação de uma plataforma de monitoramento de ambientes de computação em nuvem que possa atender às características de monitoramento elencadas em (ACETO et al., 2013) de modo autônomo e sem prejudicar o ambiente e usuários. Deste modo, será utilizada uma arquitetura orientada a serviços, onde cada serviço é responsável por garantir uma funcionalidade da ferramenta, sendo possível a adição de novos serviços em tempo de execução para complementar a plataforma de monitoramento de ambientes de computação em nuvem em nível de IaaS. Além disso, o uso de agentes para realizar a configuração autônoma do componente de monitoramento, permite que a plataforma se ajuste autonomamente ao comportamento do ambiente, possibilitando um melhor uso de recursos.

### 4.1 ARQUITETURA DA PLATAFORMA DE MONITORAMENTO

As ferramentas de orquestração de ambientes de computação em nuvem possuem 5 elementos básicos como descrito em (BRÄSCHER, 2015)

- Gerente de identidades - é responsável por definir quais privilégios sobre cada recurso do ambiente cada usuário possui;
- Gerente de alocação - trata da alocação de máquinas virtuais para os usuários assim que estas são solicitadas;
- Componente virtualizador - intermedeia a comunicação entre diferentes tipos de virtualizadores e a ferramenta de orquestração;
- Componente de armazenamento - efetua o gerenciamento e compartilhamento de imagens das máquinas virtuais entre servidores do ambiente;
- Componente de rede - responsável por toda a configuração de rede do ambiente.

A plataforma proposta neste trabalho pode ser vista como um sexto elemento da ferramenta de orquestração que será a responsável por gerenciar o monitoramento das máquinas virtuais e servidores do ambiente. Ao fim da implantação da plataforma de monitoramento, a distribuição dos elementos que compõe a ferramenta de orquestração ficará como ilustrado na Figura 1.

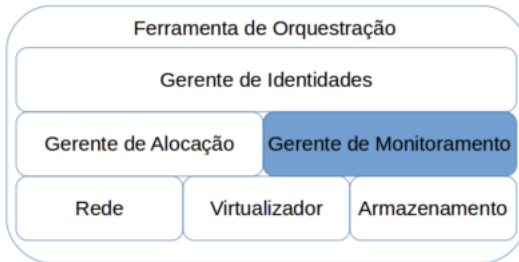


Figura 1 – Ferramenta de orquestração estendida com a plataforma autônoma de monitoramento

## 4.2 COMPONENTES DA PLATAFORMA DE MONITORAMENTO

Nesta sessão são descritos os elementos existentes na plataforma de monitoramento, como eles são constituídos e qual papel de cada um. Ilustrada na Figura 2, a plataforma de monitoramento é composta de 3 componentes, o componente de monitoramento, de configuração e de armazenamento que são descritos nas subseções que se seguem.

### 4.2.1 Componente de Monitoramento

Este componente é responsável por coletar os dados referentes ao consumo de recursos de cada máquina virtual e servidores do ambiente em que ele foi designado para atuar. Este componente é constituído de um ou mais serviços de captura de dados que podem monitorar as mesmas ou diferentes métricas como ilustrado na Figura 3. Cada serviço de captura poderá coletar uma ou mais variáveis do ambiente, poderão haver múltiplas instâncias do mesmo serviço no ambiente, monitorando o mesmo conjunto de métricas de servidores e máquinas virtuais diferentes, assim como também poderão haver diferentes serviços que mo-

nitoram conjuntos de métricas distintos.

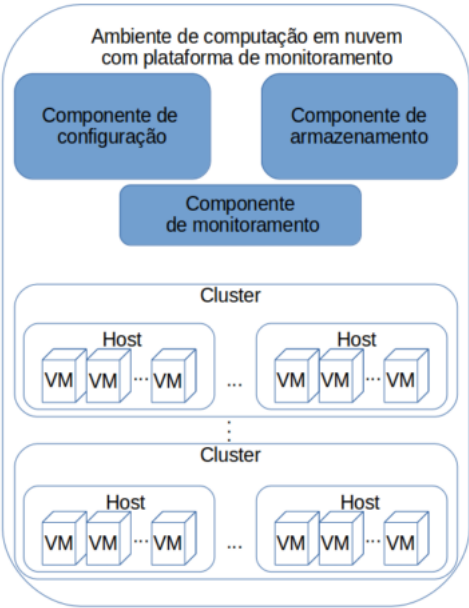


Figura 2 – Ambiente de computação em nuvem com a plataforma de monitoramento

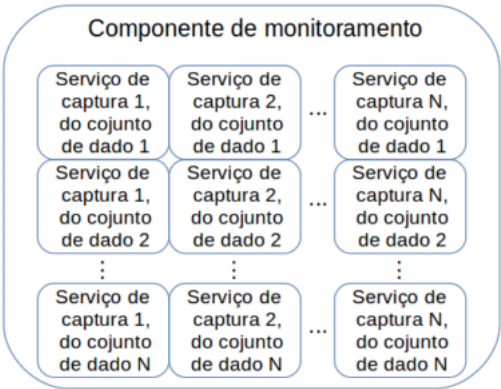


Figura 3 – Componente de monitoramento

Após ter obtido os dados, os serviços do componente de monitoramento realizam o envio dos mesmos para um repositório de armazenamento através do componente de armazenamento. Os dados obtidos serão organizados no formato *JavaScript Object Notation* (JSON), um exemplo dos dados coletados pode ser encontrado nas Figuras 4 e 5. Como ilustrado nas Figuras 4 e 5, cada JSON contém 6 propriedades:

1. *resourceType* - o tipo de recurso coletado;
2. *resourceUsage* - o quanto deste tipo de recurso a máquina virtual está usando no momento da coleta;
3. *virtualMachineName* - o identificador da máquina virtual monitorada;
4. *timestamp* - a data em que ocorreu a coleta;
5. *host* - o servidor cuja máquina virtual está sendo executada;
6. *cluster* - o cluster onde o servidor da máquina virtual se encontra.

```
{ "resourceType": "cpu", "resourceUsage": "13%",  
  "virtualMachineName": "VM_11", "timestamp":  
  "11/05/2011 17:44:32", "host": "Servidor 1",  
  "cluster": "HVM-Intel" }
```

Figura 4 – Exemplo de JSON gerado através de dados coletados relativos ao uso de cpu.

```
{ "resourceType": "memoria", "resourceUsage": "22  
1mb", "virtualMachineName": "VM_11", "  
timestamp": "11/05/2011 17:44:32", "host": "  
Servidor 1", "cluster": "HVM-Intel" }
```

Figura 5 – Exemplo de JSON gerado através de dados coletados relativos ao uso de memória.

#### 4.2.1.1 Serviço de captura de dados

O serviço de captura de dados irá conter uma aplicação que através da API do virtualizador obtém as métricas de consumo ou alocação de recursos para as máquinas virtuais e desempenho dos servidores físicos como ilustrado na Figura 6. Deste modo, o serviço de captura de dados garante que não seja necessário a injeção de qualquer tipo de código nas máquinas virtuais dos usuários ao mesmo tempo em que caso algum novo dispositivo de hardware seja inserido no servidor, este possa ser monitorado por algum serviço de monitoramento existente no ambiente, pois esse dispositivo só poderá ser usado após ser reconhecido pelo virtualizador, que por sua vez irá disponibilizar o acesso aos recursos do dispositivo através da sua API.

O serviço de captura de dados deverá se cadastrar na plataforma de monitoramento disponibilizando as métricas que este suporta. O serviço de captura de dados também deverá verificar se o servidor que foi designado para ser monitorado está ativo (isto deverá ser feito toda vez que o serviço for coletar as métricas do servidor); se o servidor não estiver disponível, o serviço deverá remover esse servidor da sua lista de servidores para monitorar. Além do cadastro, o serviço de captura de dados deverá disponibilizar os seguintes endpoints que irão dar forma a seguinte Uniform Resource Locator (URL), em português, localizador padrão de recursos "*http://ip-serviço:8080/<endpoint>*":

- *timeSpent* - retorna o tempo médio que o serviço leva para coletar os dados de cada servidor que ele é responsável;
- *hosts* - retorna todos os servidores monitorados pelo serviço;
- *addHost/host* - adiciona um servidor para ser monitorado pelo serviço;
- *removeHost* - remove um servidor qualquer da lista de servidores monitorados pelo serviço;
- *setDataRetriveInterval/value* - altera o valor do intervalo entre coletas de dados;
- *getDataRetriveInterval* - retorna o valor do intervalo entre coletas de dados.

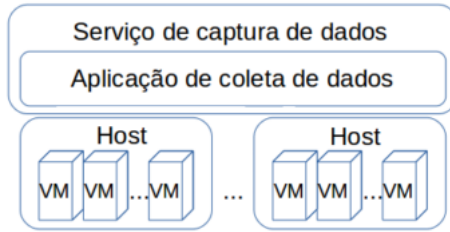


Figura 6 – Exemplo de um serviço de captura de dados

#### 4.2.2 Componente de armazenamento Ocomponente

Ocomponente de armazenamento será constituído de uma aplicação e uma base de dados como como ilustrado na Figura 7. Este componente realiza o armazenamento e gerência dos dados oriundos do monitoramento através de uma aplicação que recebe requisições HTTP (Hypertext Transfer Protocol), em português, protocolo de transferência de hipertexto, contendo um JSON com as informações sobre uma máquina virtual ou servidor para persistir no banco de dados. Além disso, a aplicação disponibiliza métodos para consultar informações sobre o ambiente monitorado, como: recursos utilizados por máquinas virtuais, recursos alocados e utilizados dos servidores físicos, percentual de recursos ociosos em um cluster e outros.

Ambientes de computação em nuvem possuem milhares de máquinas virtuais, servidores e outros componentes como dispositivos de rede e armazenamento. Deste modo, como modelo de banco de dados será utilizado uma base de dados não relacional orientada a documentos, visto que esses tipos de banco de dados possuem um desempenho melhor em leitura e escrita num grandes volumes de dados como apresentado em (LI; MANOHARAN, 2013). Para a modelagem do banco de dados não relacional foi criado um modelo *Enhanced Entity-Relationship* (EER), em português, entidade relacional estendido, ilustrado na Figura 8. O modelo definem 7 entidades:

1. *Host* - entidade que irá conter informações relativas a um servidor;
2. *VM* - entidade que irá armazenar informações de máquinas virtuais;
3. *HostResource* - esta entidade que armazena dados relativos ao monitoramento de servidores;



4. *VMResource* - esta entidade irá armazenar os dados obtidos ao monitorar máquinas virtuais;
5. *ServiceRegistry* - entidade responsável por armazenar o registro de cada tipo de serviço de captura de dados da plataforma;
6. *HostActivity* - entidade que irá armazenar um histórico de atividades dos servidores, se foram ligados ou desligados e quando isto ocorreu;
7. *ServiceSupport* - esta entidade armazena as características dos serviços, os virtualizadores e métricas que eles suportam;

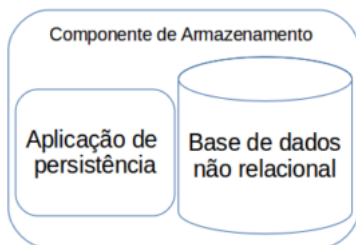


Figura 7 – Componente de armazenamento de dados

### 4.2.3 Componente de Configuração

O componente de configuração é composto por dois agentes apresentados na Figura 9. O agente de configuração determina a frequência de coleta de dados dos serviços de captura. Ele contém uma lista com todos os serviços disponíveis no ambiente e fará requisições periódicas para o serviço de armazenamento a fim de obter métricas do ambiente para poder definir melhores configurações de intervalo de monitoramento para cada serviço de captura de dados. O procedimento que o agente irá usar para a melhoria da configuração dos serviços é descrito no Algoritmo 1.

O Algoritmo 1 tem como objetivo melhorar o intervalo de funcionamento de cada serviço de coleta de dados, fazendo uso da variação dos dados coletados por esses serviços. Esta variação consiste na relação entre os valores das métricas obtidos em diferentes períodos, se esta

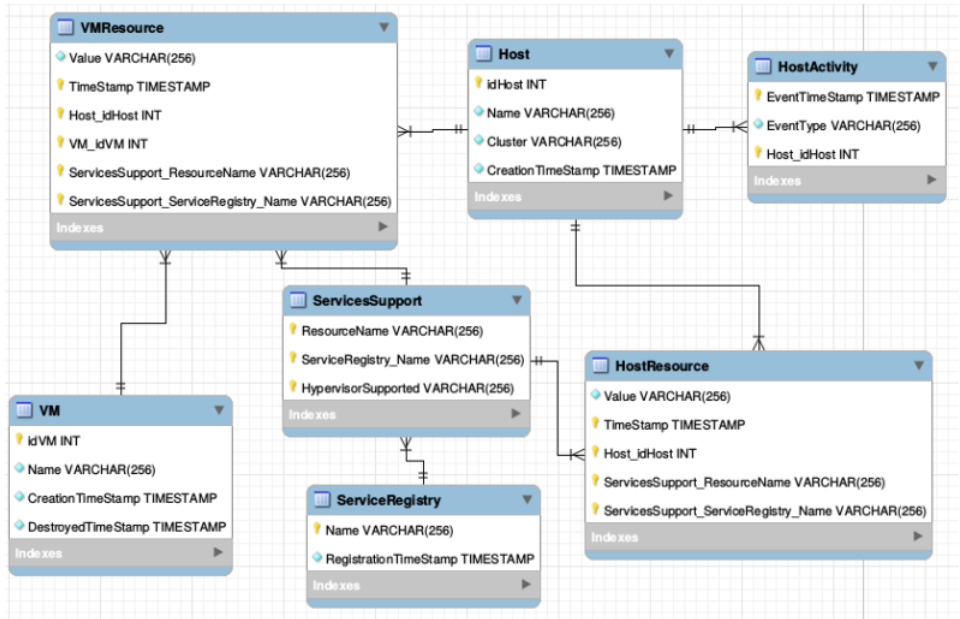


Figura 8 – Modelo do banco de dados

variação for grande, significa que as máquinas virtuais dos servidores monitorados por esse serviço estão sofrendo mais variações, deste modo seria mais interessante que o serviço passe a coletar os dados destas máquinas virtuais mais frequentemente para conseguir obter dados mais condizentes com seu estado. Do mesmo modo, se a variação for pequena, significa que as máquinas virtuais monitoradas por esse serviço estão com um comportamento estável. Assim, o serviço de captura pode levar mais tempo para realizar a coleta dos dados dessas máquinas virtuais, reduzindo os custos com processamento, coleta e armazenamento de dados.

Descrição de cada variável e função presentes no Algoritmo 1:

- *servicoArmazenamento*[Linha: 1] - uma referência para o serviço responsável por realizar a persistência e consulta de dados no repositório da plataforma de monitoramento;
- *servicosConhecidos*[Linhas: 1 e 4] - uma lista contendo todas as instâncias dos serviços de captura de dados existentes na plata-

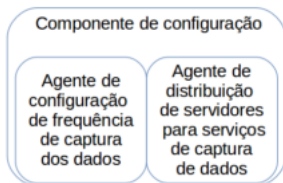


Figura 9 – Componente de configuração dos serviços de monitoramento

forma de monitoramento;

- *servico*[Linhas: 4,5,6,11,12 e 13] - uma instância de um serviço de captura de dados qualquer;
- *listaJson1* e *listaJson2* [Linhas: 5,6,7 e 8] - listas de JSONs que armazenam todos os JSONs referentes as máquinas virtuais monitoradas num determinado período;
- *servidores*[Linhas: 5 e 6] - variável contendo os servidores em que o serviço atua;
- **dataAtual()**[Linhas: 2 e 3] - função que irá retornar o momento corrente;
- *período*[Linhas: 2 e 3] - variável que irá conter um tempo que será subtraído da data atual para gerar uma data no passado. O período pode ser configurado pelo administrador do sistema;
- **consultar()**[Linhas: 5 e 6] - método que irá retornar uma lista de JSON contendo todos os dados do banco de dados cujo atributo servidor esteja contido na lista de servidores e que as datas estejam dentro do intervalo de dados calculado com o uso do parâmetro período;
- **separarPorMetrica()**[Linhas: 7 e 8] - método que irá retornar uma lista de lista de JSON onde cada elemento é uma sublista da lista de JSONs passada por parâmetro para o método, os elementos dessa sublista terão todos a mesma métrica e não poderão haver sublistas distintas contendo a mesma métrica;
- **obterMedias()**[Linhas: 9 e 10] - método que retorna um conjunto onde cada elemento é a média aritmética de todos os valores de uma métrica contida na lista de valores de métricas passada por parâmetro;

- *mediasDeMetricas1* [Linhas: 9 e 12] - array que contem a média dos valores de cada tipo de métrica coletada num passado próximo;
- *mediasDeMetricas2* [Linhas: 10 e 12] - array que contem a média dos valores de cada tipo de métrica coletadas num momento presente;
- **obterFrequencia()** [Linha: 11] - método que retorna a frequência com que um serviço de captura de dados está coletando os dados;
- **coefFreq** [Linhas: 12 e 13] - valor ao qual será multiplicada a frequência de coleta de um serviço de captura de dados para tornar o serviço mais eficiente;
- **coeficienteDeFrequencia()** [Linha: 12] - método que calcula o coeficiente de frequência utilizando como base a Função 4.1;
- **frequenciaInicial()** [Linha: 13] - método que retorna a frequência inicialmente definida no serviço de captura de dados;
- **nMetricas()** [Linha: 12] - método que retorna o número de métricas capturadas por um serviço de captura de dados;
- **definirFrequenciaDeCapturaDeDados()** [Linha: 13] - altera o valor da frequência de captura de dados do serviço de captura de dados usando a Fórmula 4.3 com os parâmetros passados.

---

**Algorithm 1** otimizarIntervaloExecuçãoServiçosMonitoramento
 

---

```

1: Entrada: ServicoArmazenamento arm, ServicosConhecidos
2:  $períodoAtual \leftarrow \{\text{dataAtual}, \text{dataAtual} - período\}$ 
3:  $períodoPassado \leftarrow \{\text{dataAtual} - 2*período, \text{dataAtual} - 4*período\}$ 
4: for all servico s em conhecidos do
5:    $listaJson1 \leftarrow \text{arm.consultar}(s.servidores, períodoPassado)$ 
6:    $listaJson2 \leftarrow \text{arm.consultar}(s.servidores, períodoAtual)$ 
7:    $listaDeListaJSON1 \leftarrow \text{separarPorMetrica}(listaJson1)$ 
8:    $listaDeListaJSON2 \leftarrow \text{separarPorMetrica}(listaJson2)$ 
9:    $mediasDeMetricas1 \leftarrow \text{obterMedias}(listaDeListaJSON1)$ 
10:   $mediasDeMetricas2 \leftarrow \text{obterMedias}(listaDeListaJSON2)$ 
11:   $frequenciaDeColeta \leftarrow s.obterFrequencia()$ 
12:   $coefFreq \leftarrow \text{coeficienteDeFrequencia}(mediasDeMetricas1, mediasDeMetricas2, s.nMetricas())$ 
13:   $s.definirFrequenciaDeCapturaDeDados(s.frequênciaInicial(), coefFreq)$ 
14: end for

```

---

Para realizar o ajuste da frequência foram definidas três Fórmulas 4.1, 4.2 e 4.3.

A Fórmula 4.1 receberá três valores, sendo eles:

- $A$  e  $B$  - vetores de médias de métricas obtidas em diferentes períodos;
- $h$  - número de métricas monitoradas pelo serviço;
- $i$  - índice de iterações, valor que inicia em um (1) e sofrerá acréscimo de uma (1) unidade a cada iteração do produtório, podendo atingir um valor máximo de  $h$ .

A Fórmula 4.1 é constituída de um produtório sobre a Fórmula 4.2, passando o valor do  $i$ -ésimo elemento dos vetores  $A$  e  $B$  para a Fórmula 4.2 em cada iteração, ao final, teremos um valor  $y$  onde  $0 \leq y \leq 2$ . A escolha deste limite 2 foi tomada para evitar que o período entre uma coleta e outra aumente rapidamente, possibilitando assim que várias avaliações do ambiente sejam feitas antes de chegar em longos períodos entre cada coleta de dados, uma forma de evitar configurações radicais.

$$coeficienteFrequencia(A, B, h) = \prod_{i=1}^h dif(A^{(i)}, B^{(i)}, h) \quad (4.1)$$

A Fórmula 4.2 receberá 3 valores, sendo eles:

- $a$  e  $b$  - médias de uma métrica obtidas em diferentes períodos;
- $h$  - número de métricas monitoradas pelo serviço.

$$dif(a, b, h) = minimo(a, b) / maximo(a, b) * \sqrt[h]{2} \quad (4.2)$$

A Fórmula 4.3 receberá 2 valores, sendo eles:

- $x$  - coeficiente de frequência de captura de dados derivado com a Fórmula 4.1;
- $y$  - intervalo de captura de dados inicialmente definida.

A Fórmula 4.3 calcula de fato a frequência de captura de dados do serviço usando a variável  $x$ , que é obtido na Fórmula 4.1, e a variável  $y$  que é configurada pelo administrador da plataforma. Esta fórmula resulta num valor que pode ser até cem vezes maior ou até duas vezes menor que o valor de  $y$ , ou seja, com essa fórmula, o intervalo  $\delta$  entre cada captura de dados de um serviço pode variar de  $y/2 \leq \delta \leq 100y$ . Vale lembrar que esta fórmula usa como valor de entrada o coeficiente calculado na Fórmula 4.1, que como mencionado, pode escalar em no máximo duas vezes e com um mínimo não definido. Com isso, esta fórmula tende a ter um comportamento onde o limite inferior não varia tanto do valor inicial porém pode ser rapidamente alcançado, enquanto o limite superior pode chegar a valores cem vezes maiores que o valor inicial porém numa velocidade menor.

$$intervalo(x, y) = (((x * 99) / (x + 256)) + ((x + 1) / (x + 2))) * y \quad (4.3)$$

Além do agente de configuração da frequência de coleta de dados dos serviços de captura, o componente de configuração possui também um agente de distribuição de servidores para serviços de captura de dados. Este agente é responsável por verificar a carga de cada serviço e com base nessa carga, decidir quais servidores serão monitorados por cada serviço. Esta carga será uma relação entre o tempo que o serviço leva para obter as métricas de um servidor e suas máquinas virtuais e o intervalo de tempo em que este serviço deve disponibilizar as métricas obtidas. O procedimento que o agente de distribuição de servidores para serviços de captura de dados irá usar está descrito no Algoritmo 2.

O Algoritmo 2 tem como objetivo distribuir melhor as cargas do monitoramento dos servidores entre os serviços de captura de dados disponíveis e, quando for necessário este agente irá instanciar mais serviços de captura de dados. Para realizar tal procedimento o Algoritmo 2 tem como entrada uma lista com os serviços de captura de dados disponíveis no ambiente e outra lista com os servidores sem monitoramento [Linha: 1], esta lista de servidores sem monitoramento irá inicializar vazia e será preenchida a medida que os servidores são removidos da lista de servidor a ser monitorado dos serviços de captura de dados. Exceto na inicialização da plataforma, neste momento todos os servidores estarão sem monitoramento, logo esta lista estará cheia e o tempo de captura dos serviços serão todos 0, a lista de serviços conhecidos será preenchida no momento que os serviços de captura realizam seu cadastro na plataforma. As métricas que deverão ser monitoradas de cada servidor na inicialização do sistema, serão configuradas pelo administrador na base de dados da aplicação. Portando o administrador deverá ter ciência das métricas suportadas pelos serviços de captura de dados disponíveis para evitar que servidores não sejam monitorados.

O algoritmo percorre cada serviço de captura de dados recolhendo informações sobre o tempo médio que o serviço está levando para realizar a captura de suas métricas e a frequência de captura configurada no mesmo, com esses 2 valores, o algoritmo pode identificar serviços sobrecarregados ou com pouca carga [Linhas 3 a 17]; no caso de pouca carga, será adicionado um novo servidor sem monitoramento (caso exista) para o serviço de captura de dados passar a monitorar [Linhas 9 a 16].

Caso o serviço de captura de dados esteja sobrecarregado, será então removido 1 servidor de sua lista de servidores a serem monitorados [Linhas 6 a 8]. Um serviço é definido como sobrecarregado quando o tempo médio para realizar a captura das métricas é superior

a frequência com que o serviço deve capturar os dados, o serviço é definido com pouca carga caso este tempo médio de captura seja inferior a metade da frequência com que o serviço irá capturar os dados.

Definidos os serviços de captura de dados disponíveis, o próximo passo do algoritmo será a migrar os servidores de serviços disponíveis menos saturados para serviços disponíveis equivalentes mais saturados [Linhas 19 a 27]. Esta ação irá a permitir esvaziar alguns serviços e aproveitar ao máximo a capacidade de processamento de outros serviços, podendo assim remover os serviços vazios da plataforma como é feito adiante.

Após realizar o balanceamento dos serviços de monitoramento, se ainda existirem servidores não monitorados e não existirem serviços de captura vagos, será então instanciado um novo serviço de captura de dados para suprir os servidores sem monitoramento. O procedimento acaba quando não existirem servidores sem monitoramento, monitorar um servidor inclui monitorar todas as máquinas virtuais existentes naquele servidor [Linhas 28 a 34].

Quando não existirem mais servidores sem monitoramento, será verificado se existe algum serviço de captura de dados sem monitorar nenhum servidor, caso exista, este será removido da plataforma [Linhas 35 a 40].

Descrição de cada variável e métodos presentes no Algoritmo 2:

- *servicosConhecidos*[Linha: 1] - lista com todos os serviços de captura de dados existentes no ambiente;
- *servidoresNaoMonitorados*[Linha: 1] - lista onde cada elemento é o identificador de um servidor e as métricas desse servidor que devem ser monitoradas;
- *servicosDisponiveis*[Linha: 2] - serviços que podem ser designados para monitorar algum servidor caso sejam compatíveis;
- *servico* - um serviço de captura de dados qualquer;
- **obterTiposMetricasMonitoradas()**[Linha: 4] - método que retorna uma lista com todas as métricas que o serviço de captura de dados monitora;
- *tempoGasto*[Linha: 5] - tempo em que um serviço de captura de dados leva para obter o valor das métricas de todos os seus servidores e máquinas virtuais;



- *frequencia*[Linha: 6] - a frequência com que o serviço de captura de dados realiza a coleta dos dados dos servidores e máquinas virtuais pelos quais ele é responsável;
- **adicionar()**[Linha: 7] - função que adiciona um servidor e as métricas que devem ser monitoradas na lista de servidores não monitorados;
- **removeServidor()**[Linha: 7] - método que remove e retorna um servidor da lista de servidores a monitorar de um serviço de captura de dados;
- **procurarServidor()**[Linha: 10] - procura por um servidor na lista de servidores não monitorados que possa ser monitorado pelo serviço passado por parâmetro, se encontrado, o servidor será removido da lista e retornado, senão será retornando vazio. Um servidor pode ser monitorado por um serviço se este serviço suporta algumas das métricas do antigo serviço que monitorava o servidor;
- **adicionarServidor()**[Linha: 14] - adiciona um servidor passado por parâmetro na lista de servidores que serão monitorados pelo serviço de captura de dados;
- **obterServicoEquivalente()**[Linha: 21] - método que retorna um serviço que monitore métricas equivalentes a do serviço passado por parâmetro e que esteja dentro da lista de serviços também passada por parâmetro;
- **transfereServidor()**[Linha: 23] - método que irá remover um servidor a ser monitorado do serviço menos carregado (com menor diferença entre o período em que os dados devem ser obtidos e o tempo levado para obter os dados) e adicionar no mais carregado;
- *alterados*[Linha: 24]- lista contendo serviços disponíveis que já sofreram alterações na sua lista de servidores;
- **obterServidorEmetricas()**[Linha: 29] - método que retorna um objeto servidor qualquer e as métricas que devem ser monitoradas desse servidor;
- **procurarServicos()**[Linha: 32] - função que irá procurar um conjunto de serviços cuja união das métricas monitoradas por esses serviços seja igual às métricas passadas por parâmetro. Se não

existirem serviços suficientes para suprirem todas as métricas, novos serviços serão instanciados, isto garante que todas as métricas serão monitoradas. Os serviços retornados serão removidos da lista de serviços disponíveis mesmo que estes possam suportar mais um servidor para monitorar (o algoritmo considera que o serviço disponível tem capacidade para apenas mais um servidor), se por ventura o serviço de captura ainda tiver capacidade para monitorar mais um servidor, este pode ser designado para monitorar mais um servidor na próxima vez que o algoritmo for executado;

- **adicionarTodos()**[Linha: 33] - método que adiciona um servidor na lista de servidores a monitorar de um conjunto de serviços de captura de dados, além de remover estes serviços da lista de serviços disponíveis e o servidor da lista de servidores sem monitoramento;
- **obterServidores()**[Linha: 36] - método que retorna uma lista com todos os servidores que um serviço de captura de dados monitora;
- **destruir()** [Linha: 38]- método que destrói a instância de um serviço de captura de dados (este método é chamado quando o serviço não possui nenhum servidor para monitorar).

---

**Algorithm 2** *alocarServidoresParaServiços*


---

```

1: Entrada: ServicosConhecidos sc, ServidoresNaoMonitora-
   dos h
2: ServicosDisponiveis sd
3: for all servico s em sc do
4:   metricas ← s.obterTiposMetricasMonitoradas()
5:   tempoGasto ← s.tempoGasto()
6:   if tempoGasto > frequencia then
7:     h.adicionar(s.removerServidor(), metricas)
8:   else
9:     if tempoGasto * 2 < frequencia then
10:      servidor ← procurarServidor(h, metricas)
11:      if Servidor = nulo then
12:        sd.add(s)
13:      else
14:        s.adicionarServidor(servidor)
15:      end if
16:    end if
17:  end if
18: end for
19: for all servicoDisponível s em sd do
20:   if alterados.nãoContem(s) then
21:     servicoEquivalente ← obterServicoEquivalente(s, sd)
22:     if servicoEquivalente ≠ nulo then
23:       transfereServidor(s, servicoEquivalente)
24:       alterados.adiciona(servicoEquivalente)
25:     end if
26:   end if
27: end for
28: while h.NaoVazia() do
29:   servidorEmetrica ← h.obterServidorEmetricas()
30:   metricas ← ServidorEmetrica.metricas
31:   servidor ← ServidorEmetrica.servidor
32:   servicos ← procurarServicos(sd, metricas)
33:   adicionarTodos(servicos, servidor, h, sd)
34: end while
35: for all servico s em sc do
36:   servidores ← s.obterServidores()
37:   if servidores.Vazio() then
38:     destruir(s)
39:   end if
40: end for

```

---

O Algoritmo 2 não realiza um balanceamento em cada serviço analisando quantos servidores podem ser adicionados ou removidos, busca-se apenas a adição ou remoção de um servidor em cada serviço e conforme sucessivas execuções do algoritmo, os serviços tenderão a ficar distribuídos.

### 4.3 FLUXOS DE EXECUÇÃO

A plataforma é constituída de 3 principais fluxos de interação entre os seus componentes. (I) O fluxo de captura de dados que além de obter os dados de cada máquina virtual, persiste os mesmos num repositório de dados; (II) fluxo de configuração de frequência de captura dos dados que irá melhorando a frequência com que cada serviço do componente de monitoramento obtém os valores das métricas dos servidores e suas máquinas virtuais; (III) o fluxo de distribuição de servidores para serviços de captura de dados que irá decidir quais servidores serão monitorados por cada instância dos serviços de captura.

No fluxo de captura de dados ilustrado na Figura 10, cada serviço do componente de monitoramento irá percorrer a sua lista de servidores e para cada servidor, irá capturar o uso de recursos de cada máquina virtual através da API do virtualizador ao mesmo tempo em que será mensurado o tempo utilizado para realizar tal coleta. Após realizar e temporizar as coletas, o componente de monitoramento então irá persistir as informações obtidas no componente de armazenamento. Cada serviço do componente de monitoramento irá atuar em uma fatia de tempo diferente, pois cada um possui sua própria frequência de obtenção de dados.

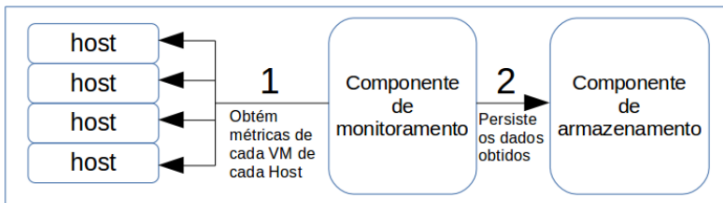


Figura 10 – Fluxo de captura dos dados

No fluxo de configuração da frequência de captura dos dados ilustrado na Figura 11, o componente de configuração irá coletar os dados do ambiente relativos a 2 períodos diferentes, e com esses dados

ele irá redefinir a frequência com que cada serviço do componente de monitoramento deve coletar os dados dos servidores e máquinas virtuais, aumentando ou diminuindo a frequência de coleta dependendo da variação dos dados obtidos pelo serviço nesses 2 períodos distintos, conforme apresentado no Algoritmo 1.

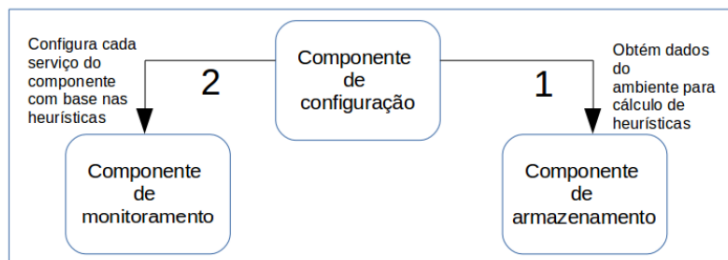


Figura 11 – Fluxo de configuração da frequência de captura dos serviços do componente de monitoramento

No fluxo de distribuição de servidores para serviços de captura de dados apresentado na Figura 12, o componente de configuração irá percorrer todos os serviços do componente de monitoramento e irá consultar o tempo que o serviço leva para concluir sua tarefa de monitoramento e a frequência que a mesma deve ser realizada. Com essas duas métricas, o componente de configuração define se este serviço está sobrecarregado, normal ou pouco carregado. Se o serviço estiver pouco carregado, o componente de configuração irá tentar alocar mais um servidor para o serviço monitorar. Se o serviço estiver sobrecarregado, o componente de configuração irá tentar migrar um servidor deste serviço para outro que realize o mesmo trabalho, caso não seja possível, o componente de configuração irá instanciar um novo serviço para realizar o monitoramento deste servidor a ser migrado. Esse procedimento completo e em detalhes é descrito no Algoritmo 2.

A proposta apresentada utiliza de uma arquitetura modularizada que permite que as funcionalidades da plataforma sejam totalmente independentes, tornando-a extensível e menos suscetível a falhas. A escolha deste tipo de arquitetura também permite a adição de novas funcionalidades para a plataforma de monitoramento em tempo de execução.

Além disso, o uso de agentes para tratar das configurações da plataforma permite maior independência em relação a necessidade de intervenções de administradores para a gerência do sistema. Com isso

a responsabilidade de gerenciar e configurar a plataforma fica a cargo dos agentes e não de administradores humanos, possibilitando com que o sistema se adapte ao ambiente em que ele se encontra.

Outro ponto interessante é o fato da plataforma usar o protocolo HTTP e a representação de objeto JSON para troca de mensagens, o que permite que a implementação dos serviços seja independente de linguagem de programação, ou seja, pode-se ter serviços em diferentes linguagens de programação, como Java, C, Perl e outras. Isto torna a plataforma receptível para qualquer tipo de extensão em qualquer linguagem e hardware.

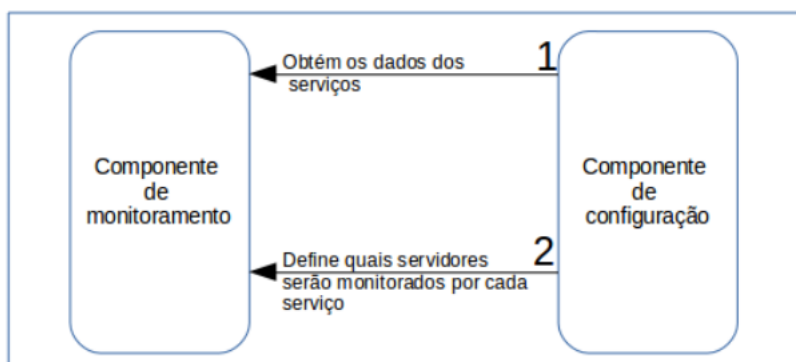


Figura 12 – Fluxo de distribuição de servidores para serviços de captura de dados

## REFERÊNCIAS

- ACETO, G. et al. Cloud monitoring: A survey. **Computer Networks**, Elsevier, v. 57, n. 9, p. 2093–2115, 2013.
- ACETO, G. et al. Cloud monitoring: Definitions, issues and future directions. **CLOUDNET**, v. 12, p. 63–67, 2012.
- ANDREOZZI, S. et al. Gridice: a monitoring service for grid systems. **Future Generation Computer Systems**, Elsevier, v. 21, n. 4, p. 559–571, 2005.
- APACHE. **Apache**. 2015. Acesso em 14 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://apache.org/>>.
- APACHE, f. **CloudStack**. 2015. Acesso em 14 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://cloudstack.apache.org/>>.
- ARMBRUST, M. et al. A view of cloud computing. **Communications of the ACM**, ACM, v. 53, n. 4, p. 50–58, 2010.
- BEN, A. et al. **System x Virtualization Strategies**. [s.n.], 2010. Disponível em: <<https://lenovopress.com/redp4480>>.
- BRÄSCHER, G. B. **PROPOSTA DE UM FRAMEWORK PARA CONSOLIDAÇÃO DE RECURSOS EM AMBIENTES DE COMPUTAÇÃO EM NUVEM**. 2015.
- CANONICAL. **Canonical**. 2015. Acesso em 24 de novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.canonical.com/about>>.
- CARON, E. et al. Auto-scaling, load balancing and monitoring in commercial and open-source clouds. 2012.
- CLAYMAN, S.; GALIS, A.; MAMATAS, L. Monitoring virtual networks with lattice. In: IEEE. **Network Operations and Management Symposium Workshops (NOMS Wksp), 2010 IEEE/IFIP**. [S.l.], 2010. p. 239–246.
- CLOUDSTACKZENPACK. **Zenoss**. 2015. Disponível em: <<https://github.com/zenoss/ZenPacks.zenoss.CloudStack>>.
- CONTAINERS., L. **LXC**. 2015. Acesso em 24 de novembro de 2015. Disponível em: <<https://linuxcontainers.org/lxc/introduction/>>.

CORPORATION, I. **IA 32**. 2015. Acesso em 15 de outubro de 2015.

Disponível em:

<<http://www.intel.com/content/dam/www/public/us/en/documents/manuals/64-ia-32-architectures-software-developer-manual-325462.pdf>>.

CORPORATION, I. **x8664**. 2015. Acesso em 15 de outubro de 2015.

Disponível em:

<<http://www.intel.com/content/www/us/en/processors/architectures-software-developer-manuals.html>>.

DOSHI, G. **IA 64**. 2015. Acesso em 15 de outubro de 2015.

Disponível em:

<<http://www.csee.umbc.edu/portal/help/architecture/idfisa.pdf>>.

GLOBUS. **Globus Toolkit**. 2015. Acesso em 17 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://toolkit.globus.org/toolkit/mds/>>.

HALL, P. Opportunities for cps in enterprise-grade public cloud computing. **OVUM, May**, 2012.

HASSELMEYER, P.; D'HEUREUSE, N. Towards holistic multi-tenant monitoring for virtual data centers. In: IEEE. **Network Operations and Management Symposium Workshops (NOMS Wksp)**, 2010 IEEE/IFIP. [S.l.], 2010. p. 350–356.

HP. **Eucalyptus**. 2015. Acesso em 14 de setembro de 2015.

Disponível em: <<http://www8.hp.com/us/en/cloud/helion-eucalyptus-overview.html>>.

HP. **HP**. 2015. Acesso em 29 de setembro de 2015. Disponível em:

<<http://www.hp.com/>>.

HYPERIC. **Hyperic**. 2015. Acesso em 18 de dezembro de 2015.

Disponível em:

<<https://support.hyperic.com/display/SIGAR/Home>>.

IBM. **Power PC**. 2015. Acesso em 15 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.ibm.com/developerworks/systems/library/es-archguide-v2.html>>.

ICINGA. **Icinga**. 2015. Acesso em 30 de novembro de 2015.

Disponível em: <<https://www.icinga.org/>>.

ICINGAOPENSTACKGIT. **OpenStack-Icinga**. 2015. Acesso em 30 de outubro de 2015. Disponível em:

<<https://github.com/hpcloud/icinga>>.



INC., C. S. **Xen Project Software Overview**. 2015. Acesso em 10 de novembro de 2015. Disponível em: [http://wiki.xenproject.org/wiki/Xen\\_Overview](http://wiki.xenproject.org/wiki/Xen_Overview).

INC., O. **ORACLE**. 2015. Acesso em 10 de novembro de 2015. Disponível em: <http://www.oracle.com/>.

INTEL. **IPMI**. 2015. Acesso em 29 de novembro de 2015. Disponível em: <http://www.intel.com/content/www/us/en/servers/ipmi/ipmi-home.html>.

KATSAROS, G. et al. A self-adaptive hierarchical monitoring mechanism for clouds. **Journal of Systems and Software**, Elsevier, v. 85, n. 5, p. 1029–1041, 2012.

KATSAROS, G.; KUBERT, R.; GALLIZO, G. Building a service-oriented monitoring framework with rest and nagios. In: **IEEE. Services Computing (SCC), 2011 IEEE International Conference on**. [S.l.], 2011. p. 426–431.

KEPHART, J. O.; CHESS, D. M. The vision of autonomic computing. **Computer**, IEEE, v. 36, n. 1, p. 41–50, 2003.

LAPRIE, J.-C. From dependability to resilience. In: **CITeseer. 38th IEEE/IFIP Int. Conf. On Dependable Systems and Networks**. [S.l.], 2008. p. G8–G9.

LI, Y.; MANOHARAN, S. A performance comparison of sql and nosql databases. In: **IEEE. Communications, Computers and Signal Processing (PACRIM), 2013 IEEE Pacific Rim Conference on**. [S.l.], 2013. p. 15–19.

LINUX-KVM. **KVM**. 2015. Acesso em 14 de setembro de 2015. Disponível em: [http://www.linux-kvm.org/page/Main\\_Page](http://www.linux-kvm.org/page/Main_Page).

MAZEGEN. **x86**. 2007. Acesso em 15 de outubro de 2015. Disponível em: <http://x86asm.net/articles/x86-64-tour-of-intel-manuals/>.

MELL, P.; GRANCE, T. The nist definition of cloud computing. Computer Security Division, Information Technology Laboratory, National Institute of Standards and Technology Gaithersburg, 2011.

MENASCÉ, D. A. Virtualization: Concepts, applications, and performance modeling. In: **Int. CMG Conference**. [S.l.: s.n.], 2005. p. 407–414.

MICROSOFT. **NFS**. 2013. Acesso em 18 de novembro de 2015.

Disponível em:

<<https://technet.microsoft.com/en-us/library/jj592688.aspx>>.

MICROSOFT. **Hyper-V**. 2015. Acesso em 29 de setembro de 2015.

Disponível em:

<<http://hyperv.veeam.com/what-is-hyper-v-technology/>>.

MICROSOFT. **iSCSI**. 2015. Acesso em 18 de novembro de 2015.

Disponível em: <<http://windows.microsoft.com/pt-br/windows-vista/what-is-internet-small-computer-system-interface-iscsi>>.

NAGIOS. **Nagios**. 2015. Acesso em 14 de setembro de 2015.

Disponível em:

<<https://assets.nagios.com/downloads/nagioscore/docs/nagioscore-3-en.pdf>>.

NAGIOS. **Nagios-CloudStack**. 2015. Acesso em 13 de novembro de 2015. Disponível em:

<<https://exchange.nagios.org/directory/Plugins/Cloud/nagios-2Dcloudstack/details>>.

NAGIOS. **Nagios-OpenStack**. 2015. Acesso em 13 de novembro de 2015. Disponível em:

<<https://exchange.nagios.org/directory/Plugins/Cloud/openstack-infrastructure-monitoring/details>>.

NET-SNMP. **SNMP**. 2015. Acesso em 30 de outubro de 2015.

Disponível em: <<http://www.net-snmp.org/>>.

OPENSTACK. **OpenStack**. 2015. Acesso em 14 de setembro de 2015.

Disponível em: <<http://docs.openstack.org/index.html>>.

OPENSTACKZENPACK. **Zenoss**. 2015. Acesso em 30 de outubro de 2015. Disponível em:

<[http://wiki.zenoss.org/ZenPack:OpenStack\\_\(Provider\\_View\)](http://wiki.zenoss.org/ZenPack:OpenStack_(Provider_View))>.

ORACLE. **VirtualBox**. 2015. Acesso em 10 de novembro de 2015.

Disponível em: <<https://www.virtualbox.org/wiki/Documentation>>.

POPEK, G. J.; GOLDBERG, R. P. Formal requirements for virtualizable third generation architectures. **Communications of the ACM**, ACM, v. 17, n. 7, p. 412–421, 1974.

POSTGRESQL. **PostgreSQL**. 2015. Acesso em 17 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://www.postgresql.org/>>.

PROJECT, N. **Nimbus**. 2015. Acesso em 30 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.nimbusproject.org/>>.

QEMU. **QEMU**. 2015. Acesso em 7 de outubro de 2015. Disponível em: <[http://wiki.qemu.org/Main\\_Page](http://wiki.qemu.org/Main_Page)>.

REDHAT. **RedHatVirtualization**. 2015. Acesso em 14 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.redhat.com/en/technologies/virtualization/enterprise-virtualization>>.

SAHOO, J.; MOHAPATRA, S.; LATH, R. Virtualization: A survey on concepts, taxonomy and associated security issues. In: IEEE. **Computer and Network Technology (ICCNT), 2010 Second International Conference on**. [S.l.], 2010. p. 222–226.

SHAO, J. et al. A runtime model based monitoring approach for cloud. In: IEEE. **Cloud Computing (CLOUD), 2010 IEEE 3rd International Conference on**. [S.l.], 2010. p. 313–320.

SHIREY, R. W. Internet security glossary, version 2. 2007.

SINGH, G.; SOOD, S.; SHARMA, A. Cm-measurement facets for cloud performance. **International Journal of Computer Applications**, International Journal of Computer Applications, 244 5th Avenue, # 1526, New York, NY 10001, USA India, v. 23, n. 3, p. 37–42, 2011.

SYSTEMS, C. **Citrix**. 2015. Acesso em 14 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.citrix.com/>>.

SYSTEMS, C. **Xen Dom0**. 2015. Acesso em 15 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://wiki.xenproject.org/wiki/Dom0>>.

SYSTEMS, C. **Xen DomU**. 2015. Acesso em 15 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://wiki.xenproject.org/wiki/DomU>>.

SYSTEMS, C. **Xen XAPI**. 2015. Acesso em 15 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://wiki.xenproject.org/wiki/XAPI>>.

SYSTEMS, C. **Xen XL**. 2015. Acesso em 15 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://wiki.xenproject.org/wiki/XL>>.

URGAONKAR, B.; SHENOY, P.; ROSCOE, T. Resource overbooking and application profiling in shared hosting platforms. **ACM SIGOPS Operating Systems Review**, ACM, v. 36, n. SI, p. 239–254, 2002.

VIRATANAPANU, A. et al. On demand fine grain resource monitoring system for server consolidation. In: IEEE. **Kaleidoscope: Beyond the Internet?-Innovations for Future Networks and Services, 2010 ITU-T**. [S.l.], 2010. p. 1–8.

VMWARE. **Understanding Full Virtualization, ParaVirtualization, and Hardware Assist**. 2007. Acesso em 17 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.vmware.com/resources/techresources/1008>>.

VMWARE. **ESXI**. 2015. Acesso em 14 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.vmware.com/products/esxi-and-esx/>>.

VMWARE. **vCenter**. 2015. Acesso em 10 de novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.vmware.com/br/products/vcenter-server/>>.

VMWARE. **VMware**. 2015. Acesso em 14 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.vmware.com>>.

WANG, C. et al. A flexible architecture integrating monitoring and analytics for managing large-scale data centers. In: ACM. **Proceedings of the 8th ACM international conference on Autonomic computing**. [S.l.], 2011. p. 141–150.

WEINGÄRTNER, R.; BRÄSCHER, G. B.; WESTPHALL, C. B. Cloud resource management: A survey on forecasting and profiling models. **Journal of Network and Computer Applications**, Elsevier, v. 47, p. 99–106, 2015.

ZABBIX. **ZABBIX**. 2015. Acesso em 30 de novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.zabbix.com/product.php>>.

ZABBIX-CLOUDSTACK. **Zabbix-Cloudstack**. 2015. Acesso em 30 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://github.com/ke4qq/zabbix-cloudstack>>.

ZABBIXAGENTADOPTION. **Zabbix agent adoption**. 2015. Acesso em 30 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://wiki.openstack.org/wiki/Zabbix-agent-adoption>>.

ZENOSS. **Zenoss Wiki**. 2015. Acesso em 10 de novembro de 2015. Disponível em: <[http://wiki.zenoss.org/Main\\_Page](http://wiki.zenoss.org/Main_Page)>.